

BUDAPESTE. UMA VIAGEM NO DISCURSO PÓS-MODERNO

Odair José Silva dos Santos (UCS)¹

***Resumo:** O presente artigo pretende abordar as práticas discursivas dentro da pós-modernidade com o objetivo de apresentar algumas reflexões do ponto de vista textual em Budapeste, de Chico Buarque, tendo em vista o aspecto multifacetado da personagem central e suas diversas peripécias como um sujeito viajante. Neste sentido, a investigação aqui apresentada justifica-se no intuito de salientar a necessidade de estudos sobre a linguagem que envolve o sujeito no mundo pós-moderno. Para tanto, ocupar-se-á de uma análise discursiva e produção de sentidos. Nesta perspectiva, salienta-se que as construções sócio-histórico-ideológicas formam o sujeito discursivo, tendo em vista que cada vez mais dentro da pós-modernidade o sujeito encontra-se deslocado e fragmentado.*

***Palavras-chave:** discurso; viagem; pós-modernidade; literatura.*

“Palavras recém-escritas, com a mesma rapidez com que haviam sido escritas, iam deixando de me pertencer”.

José Costa, *Budapeste.*

Introdução

Vivemos atualmente em um mundo em que tudo acontece instantaneamente, no qual as informações chegam com extrema rapidez, de modo que a explosão de uma bomba ou a morte de uma personalidade de internacional pode ser conhecida no âmbito global em segundos. Há, ainda, uma heterogeneidade cultural na qual se observa uma mesma pessoa pertencendo a diferentes grupos e seguindo diferentes estilos de fala, pensamentos e hábitos. Isso é reflexo da globalização, processo que derrubou muitas barreiras entre estados/nações, pondo em dúvida a definição de fronteira. Neste aspecto, a geografia já não mais determina nacionalidade, cultura, língua, sendo que nem estas por sua vez possuem fronteiras. Um mundo confundido

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul. E-mail: odairzile@hotmail.com.

por linguagens, culturas, nacionalidades, que trazem em si a presença do heterogêneo são as marcas de um mundo “dito pós-moderno”.

Em decorrência da globalização e a esta derrubada das fronteiras, a literatura também passa a refletir este aspecto, sendo que a própria definição deste termo é problemática, pois afinal “o que é literatura?”. Não há uma única resposta. A literatura fala atualmente em diferentes tons, vozes e estilos, permitindo uma eclosão “metaliterária”, possibilitando a concretização da produção de literaturas.

Desta forma, obras produzidas neste contexto trazem um reflexo das vivências atuais, mostrando que o homem pós-moderno é um ser problemático e não linear, bem como a sociedade que o circunda. Para tanto, o presente trabalho pretende discutir as manifestações da pós-modernidade em *Budapeste*, de Chico Buarque, dando destaque à crise que assola o sujeito, que se encontra deslocado, não mais unificado, reflexo das mudanças que envolvem o circuito global.

Envolvendo este cenário, muitos acontecimentos marcaram o mundo a partir da metade do século XX, fazendo brotar grandes mudanças. Assim, a queda do muro de Berlim, o fim da URSS², o ressurgimento do liberalismo econômico e político, a crescente ascensão do desemprego em virtude da revolução tecnológica que assume um posto importante no setor produtivo, fazem com que o mundo trilhe novos caminhos. Ainda é extremamente destacável o surgimento e a consolidação da presença da internet na vida social e privada das pessoas, como uma teia no processo comunicativo, criando “um sistema aberto, sem limites nem margens, desde o momento que permite navegar de um modo ao outro em uma estrutura infinita que não reconhece princípio nem fim” (Vouillamoz 2000: 29).

Para tanto, quando nos deparamos com estas mudanças, presenciamos que as dimensões teóricas que envolvem o momento acompanham este ritmo, de modo que estamos em um processo de desarticulação de tudo que era dito como consolidado. Observamos, neste caso, a fragmentação da noção do todo³ e a presença da multiplicidade, é a ascensão da pluralidade.

Em meio a estas grandes discussões, encontramos os estudos da Análise do Discurso (AD) que emergem a partir da segunda metade do século XX, e sobretudo, ganham força na contemporaneidade. Dentro deste âmbito, pode-se dizer que a linguagem, tida como um meio primordial de comunicação constrói, sem dúvida, a identificação, ideologias, história e pensamentos de seus falantes.

A partir deste trabalho será analisada pelo viés da Análise do Discurso, a edificação do discurso pós-moderno e a fragmentação do sujeito, sendo que a linguagem possui esta representatividade. Para tanto, far-se-á uso como *corpus* a obra *Budapeste* de Chico Buarque de Hollanda.

² A URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – era formada por quinze repúblicas federadas, ocupava uma extensão de 22 milhões de 300 mil quilômetros quadrados; possuía um governo altamente centralizado (Mello; Costa 1999).

³ Martin Heidegger defende a questão do ser-no-mundo como uma estrutura total, constituindo uma unidade. Assim, a expressão composta “ser-no-mundo”, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo. A impossibilidade de dissolvê-la em elementos (Heidegger 2005: 98).

1. A Análise do Discurso

O desempenho de uma língua ocupa uma função primordial entre os seres humanos, sendo esta o maior veículo de comunicação utilizado, caracterizado por seu papel interacionista. Assim, os estudos mais relevantes em torno da linguagem emergem com Ferdinand Saussure, sendo que este aborda que a linguagem “é um fato social, sendo que na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro” (Saussure, 2006: 14).

Logo, estudos relacionados a pensamento e linguagem ganham força com os estudos de Chomsky que observa a linguagem como “uma faculdade mental inata e geneticamente transmitida pela espécie.” (Marcuschi 2008: 32). Para este estudioso, o desempenho da língua era inato e próprio da espécie humana.

Ainda, segundo Marcuschi (2008), os estudos sobre linguagem transcendem a concepção estudada por Saussure de *langue* e *parole*, sendo que no século XX emergem novas tendências abarcando outras áreas, nascendo assim a Análise do Discurso (AD), a Linguística Textual (LT), a análise de conservação, a sociolinguística, a psicolinguística, a etnografia da comunicação e a etnometodologia.

Para tanto, no que tange à Análise do Discurso (AD) observa-se a linguagem inteiramente ligada à história e à sociedade, trabalhando dentro da concepção do discurso, sendo que todo texto é um discurso, que por sua vez estaria interligado a um grande número de outros discursos (intra e interdiscurso). Trabalha-se, então, com a exterioridade da linguagem, sendo que as atividades sociais influenciam no processo de construção discursivo. Neste âmbito, pode-se dizer que:

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi 2005: 15).

Logo, a AD é uma vertente que estuda a linguagem no âmbito do aspecto social. Dentro desta perspectiva, desvenda-se a produção de sentidos por meio da paráfrase e da polissemia, ambas reconstruídas ou barradas pelas questões ideológicas, sociais, históricas e culturais. Paráfrase é tida como a manutenção dos dizeres, tratando-se da repetição dos sentidos em momentos e lugares distintos. Já a Polissemia trata da ruptura dos dizeres consolidados, havendo uma renovação e produção de sentidos outros (Orlandi 2005).

Um texto está, então, vinculado a uma ideologia, uma vez que “quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas” (Bakhtin 2006:

107). Desta maneira, o discurso dentro do contexto passa ser o foco, possibilitando interações comunicativas, sejam de ordem escrita ou oral, abordando também que um mesmo discurso pode conduzir a diversos significados diferentes, sendo que dependerá do contexto sócio-histórico-ideológicos e suas condições de produção (Orlandi 2005).

Nesta conjuntura, a consciência humana é formada de diversos discursos que são interiorizados ao longo da vida. Esses discursos são construídos conforme as ideologias da sociedade, sendo que cada ser humano ao aprender uma linguagem vai sendo afetado por discursos, que são influenciados por situações ideológicas impostas socialmente. Assim, segundo Fiorin (2005: 35), a consciência de cada indivíduo é formada pelas vivências em sua realidade social, em um determinado espaço ideológico, e ainda, está de acordo com a sociedade na qual está inserido.

2. *Budapeste* e o discurso pós-moderno

O termo “pós-modernismo” é motivo de grandes polêmicas, tanto no âmbito da literatura quanto nas demais áreas do conhecimento, sendo que não há certezas, apenas questionamentos e levantamento de hipóteses sobre o assunto. Nesta perspectiva, estudiosos como Frederic Jameson, Gianni Vattimo, Terry Eagleton, Stuart Hall vêm contribuir com estes fecundos debates.

Assim, o Pós-Modernismo emerge, causando rupturas e transformações no cenário do Modernismo, marcando um cenário cheio de estranhamentos e atritos, uma vez que o diferente, o não habitual, o heterogêneo ganha força, rompendo as barreiras do sistema até então solidificado. Este momento é reflexo da pluralidade de acontecimentos, informações e expressões diferentes que nos envolvem, o que acaba por influenciar as produções, conforme aborda Eagleton:

(...) pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura ‘elitista’ e a cultura ‘popular’, bem como a arte e a experiência cotidiana (Eagleton 1998: 31).

Dentro das perspectivas que nos envolvem e tangem as manifestações artísticas, sociais, culturais e literárias deste momento, temos como uma das questões a queda do muro que separava as ditas “altas manifestações” das manifestações populares. Como exemplo, visualizamos produções que são denominadas “a voz dos excluídos”, uma vez que as “minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas tomam a palavra” (Vattimo 1989: 17), havendo um sentido emancipador que “consiste mais no complexo efeito de desenraizamento que acompanha o primeiro efeito de identificação” (Vattimo 1989: 17).

A obra *Budapeste*, imersa em muitas questões pós-modernas, relata a saga de um suposto escritor chamado José Costa (Zsoze Kósta) que dispõe artigos, discursos

e autobiografias, por meio de uma agência que este tem em sociedade com um amigo (Álvaro Cunha), a própria personagem se define como “um criador discreto” (Buarque 2003: 18). José, que é casado com Vanda (uma jornalista), é um ser relativamente solitário e no auge da decadência de seu amor próprio engravida sua esposa, conseqüentemente ambos têm Joaquinzinho. Como um escritor anônimo, participa de um congresso mundial de escritores desconhecidos na Turquia e na volta acaba por ter que passar uma noite em Budapeste (Hungria), onde fica totalmente seduzido pela língua húngara. A partir de então a narrativa gira em torno dos efeitos de sedução que a língua pode causar, por meios das “idas e vindas” da personagem, sua relação com Kriska (uma húngara) e a consagração deste como escritor na Hungria (por meio de uma obra que não produziu).

Nesta perspectiva, ao ter a linguagem como um de seus eixos centrais, pode-se destacar que esta obra adentra em um grande rol de significações e construções ideológicas. Assim,

o discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida. O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala (Fiorin 2005: 35).

Encontramos, então, como pontos centrais da obra a figura do sujeito e a linguagem. Nesta concepção, o sujeito José Costa, que é um narrador-personagem pode ser visualizado como um ser problemático, fragmentado, que vive intensidades em momentos individualizados. Narrador que passa por momentos bem próximo ao que é narrado e por outros momentos se mantém distante, como que apenas observando. Neste aspecto, Eni Orlandi menciona que

a forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento (Orlandi 2005: 50).

Assim, o ser pós-moderno, como a personagem em questão, vive momentos, instantes, sem apegar-se e entregar-se de vez, destacando o “aparecimento de um novo tipo de achatamento ou falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade no sentido mais literal” (Jameson 1997: 35) como uma das principais características do pós-modernismo.

Ao falarmos em sujeito discursivo, aporta-se que cada indivíduo possui uma identidade por meio de seus gostos, expressões, vivências e sistemas de forças que o mesmo manifesta, neste ponto, identificado por uma identidade torna-se sujeito,

embora haja no homem pós-moderno um grande vazio em virtude de ações isoladas e apropriações aleatórias de discursos. Assim,

o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (e aqui reconhecemos a propriedade do conceito lacaniano de sujeito para a AD), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (Mussalim 2008: 130).

Neste sentido, há na pós-modernidade um sujeito que representa sua formação social, onde o meio marca os sujeitos pela velocidade com que acontecem e se disseminam os fatos, e ainda, pela considerável ascensão do individualismo e consumismo.

Há então, em *Budapeste*, esta superficialidade que aponta Jameson (1997) e a ausência da qual Foucault (2007) menciona, pois o sujeito personagem coloca-se indiferente ao outro em diferentes situações ocorridas, uma delas é o momento em que abre mão da presença de Vanda em uma viagem: “Ignorava que para Budapeste, no fundo, penso que não a convidaria, se não estivesse seguro que voaria só” (Buarque 2003: 43).

Observamos, envolvendo este contexto, a abordagem do “esmaecimento do afeto” (Jameson 1997: 36). O enfraquecimento das relações pessoais, mais que visíveis nos fatos de Vanda deixar o marido viajar só, José Costa não se importar de fazê-lo sozinho e no decorrer da narrativa quando o narrador menciona que “fora da Hungria não há vida” (Buarque 2003: 68). Constatamos que Kriska nunca se interessou por quem foi e o que fez José Costa fora daquele país, e este, por sua vez quando ali está se vê imerso e vislumbrado pela linguagem pouco se importando com as pessoas que haviam ficado fora dali.

A partir disto, pode-se destacar que “o sentido labora a sua materialidade nas diferentes versões/manu-escriturações (...). O sujeito por sua vez não (re)formula apenas em um sentido superficial, ele entra em relação com o corpo da linguagem, com o acesso ao acontecimento; ele desliza” (Orlandi 2005: 83).

Neste contexto, percebe-se que o sujeito moderno é um ser universal, de modo que o conhecimento epistemológico encontra-se presente em tempo e espaços demarcados, constituindo, então a história. Por outro lado, na pós-modernidade percebemos que tempo e espaço estão fundidos, há ao mesmo tempo a fragmentação de vivências, experiências e o pensamento, de modo que o sujeito encontra-se disperso no tempo e o espaço já não imprime importância para o ser.

Assim, encontramos em *Budapeste* esta confusão de tempo e espaço, uma vez que as marcas temporais estão praticamente ausentes e o espaço é amplificado, detendo-se a importância no próprio discurso. Percebemos isto tendo em vista que a história é contada na perspectiva de um narrador-personagem que passa por “idas e vindas” tanto no plano do tempo como do espaço. Há um certo momento em que o narrador-personagem nos apresenta a marca da passagem de tempo: “era como se duas palavras dela reparassem sete anos de descaso” (Buarque 2003: 103). Ainda é

destacável que a questão temporal nos é apresentada pelos relatos identificados no presente, pretérito perfeito, imperfeito e outros tantos projetados no futuro do pretérito. O espaço deixa de ser constituinte importante, tendo em vista que não há uma fixação em um determinado lugar, e por diversas vezes não há como saber onde a narrativa se passa. Este fator torna o discurso como espaço principal.

Logo, dentro da perspectiva da Análise do Discurso infere-se que as construções pós-modernas influenciam e promovem a construção de um sujeito tal qual a realidade que o envolve. Para tanto,

a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização de modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras (Bentes; Mussalim 2009: 110).

Desta maneira, segundo Foucault o fim da modernidade é o fim da história, tendo em vista que vivemos em uma época em que há vários pontos de vista, dando margem às interpretações, já que “a obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea” (Foucault apud Candiotto 2007: 14). Neste contexto, é colocado em questão o sujeito que narra o enredo da obra *Budapeste*, tendo em vista que este possui marcas do pós-modernismo, pois se encontra mergulhado em mundo globalizante, seduzido pela língua húngara, mas ao mesmo tempo se depara com as fronteiras derrubadas e praticamente sem identidade como ele próprio define:

[...] Mas fiquei com o zil na cabeça, é uma boa palavra, zil, muito melhor que campainha. Eu logo a esqueceria, como esquecera os haicais decorados no Japão, os provérbios árabes, o Otchi Tchiornie que cantava em russo, de cada país eu levo assim uma graça, um souvenir volátil (Buarque 2003: 7).

Esta “alienação”, construção, desconstrução rápida e contínua é efeito da individualização, da consolidação da presença dos *media* no mundo pós-moderno, predominando instantes e ações em lugares diferentes, tendo em vista que “não existe uma história única, existe sim imagens do passado propostas por pontos de vista diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, globalizante, capaz de unificar todos os outros” (Vattimo 1989: 11). Podemos destacar que é por meio da televisão que José Costa tem o contato com o húngaro, contato este que fará a personagem ficar seduzida pela língua ao ponto de aventurar-se no país desconhecido para poder “saborear” os prazeres de desprazeres desta.

Percebemos, em um determinado ponto, que o narrador-personagem se encontra atônito, rodeado de informações instantâneas, rápidas, passageiras, sem possibilitar a concretização de sentidos “profundos”, havendo apenas um mero registro de ideias. Pode-se notar, então, uma enumeração caótica quando nos deparamos com “mesa, café, telefone, distraída, amarelo, suspirar, espaguete à bolonhesa, janela, peteca, alegria, um, dois (...) e um dia descobri que Kriska gostava de ser beijada no cangote” (Buarque 2003: 46).

Nesta perspectiva, dentro do âmbito do sujeito da AD pode-se mencionar que:

O sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (e aqui reconhecemos a propriedade do conceito laciano de sujeito para a AD), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (Bentes; Mussalim 2009: 110).

Há, sem dúvida, a fragmentação deste sujeito narrador-personagem, tendo em vista que ele possui marcas distintas de quando está na Hungria e de quando está no Brasil. Ainda assim, podemos observar que há uma fragmentação maior dentro das ações deste indivíduo nos diferentes países, sendo que José Costa se apresenta de uma maneira quando jovem, depois de outra maneira casado e escritor anônimo, perde sua identificação particular quando seu sócio contrata rapazes para serem “como José Costa”, fazendo com que este fique confuso, e em todas as vezes que volta da Hungria se vê diferente, modificado. Por outro lado, no país húngaro também passa por modificações, em um certo momento é um mero turista, em outro já é habitante e logo mais tarde percebe-se uma identificação como se fosse um húngaro, tanto que em um determinado momento deixa de ser José Costa, para ser Zsoze Kósta.

Nesta perspectiva, Michel Foucault (2007) aborda que todo sujeito pode ocupar funções, vivências e posições diferentes, dependendo das condições que o envolvem. Em *Budapeste* encontramos a presença de um narrador-personagem, com seus sabores e dissabores enquanto um sujeito que escreve. Podemos fazer uma ligação direta com a questão do “ser autor”. Desta maneira,

a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo do discurso; ela não se exerce uniformemente e do mesmo modo sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não é definida pela atribuição espontânea do discurso a seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; não reconduz pura e simplesmente a um indivíduo real, podendo dar lugar simultaneamente a diversos ego em diversas posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (Foucault *apud* Candiotti 2007: 17).

Assim, vislumbramos a linguagem como um ponto essencial da obra, tendo em vista que o sujeito narrador trabalha com a palavra, escolhe-a seletivamente, molda as orações e os períodos, de maneira que os mesmos signifiquem. Há, portanto, nesta narrativa um metadiscurso onde a língua exerce um papel central, podendo até ser uma protagonista ao lado do narrador-personagem, tendo em vista que o mesmo dá uma grande significância a ela. Para tanto, Bakhtin defende que as palavras, como signos linguísticos, andam alinhadas com a ideologia e esta “é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua” (Bakhtin 2006: 16).

Desta maneira, as palavras e a forma como são colocadas na narrativa refletem o mundo pós-moderno e as mudanças do mundo globalizado. Globalizada também está a língua. Mundo este que se encontra com ações individualizadas, modificado e abalado com a presença constante dos meios de comunicação e do uso constante da internet, a realidade é que cada vez mais a presença do outro não é mais essencial, sendo substituída por máquinas. Cada sujeito cria seu mundo, como se todos sofressem de autismo. Contudo, há algumas vozes, em muitas ocasiões opacas, por outras gritantes, que exclamam a ausência, a solidão, que assola o ser pós-moderno.

Ao analisarmos a construção linguística de *Budapeste* observamos que há na escolha das expressões uma carga semântica voltada para ausência, em consonância com o pós-modernismo. É como se houvesse um vazio a ser preenchido, marcado por faltas pelo “nada” a ser contado ou vivido. Jameson aborda que há no pós-modernismo

uma nova falta de profundidade, que se vê prolongada tanto na “teoria” contemporânea quanto em toda essa cultura da imagem e do simulacro; um conseqüente enfraquecimento da historicidade tanto em nossas relações com a história pública quanto em nossas formas de temporalidade privada, cuja estrutura “esquizofrênica” (segundo Lacan) vai determinar novos tipos de sintaxe e de relação sintagmática nas formas mais temporais de arte; um novo tipo de matiz emocional básico (Jameson 1997: 32).

Envolvendo esta ideia, observamos na narrativa de Chico Buarque um grande rol de palavras que conduzem à ausência. Expressões como “perdi o sotaque”, “não estava”, “um país de língua nenhuma”, “eu estava completamente cego”, “sentimentos silenciosos”, “sensação de ter fica oco”, “anonimato”, “o pensamento em branco”, “... na ausência de Vanda”, “o silêncio”, “nomes que não diziam nada”, “praia deserta”, “uma mulher abandonada”, possuem uma significação que conduz à ausência, mostrando o quanto o sujeito narrador-personagem estava só, vivendo aqui e ali instantes, não se prendendo a nada e a ninguém, uma vida de indefinições, daí o emprego insistente dos pronomes indefinidos como “nada” e “ninguém”. Neste caso, “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra.” (Bakhtin 2006: 133). Significações estas que levam ao vazio, ao nada, à ausência.

Considerações finais

A linguagem, neste caso, transcende o papel da comunicação, tornando-se também lugar onde o sujeito existe, lugar no qual consegue representar seus anseios, suas “ausências”, como são expressas em *Budapeste*: “atravessamos o deserto do Saara” (Buarque 2003), “... como se a vida fosse partir do zero” (Buarque 2003). Neste sujeito observamos as tendências do pós-modernismo, tendo em vista que “existem coisas que não podem ser ditas e outras que suscitam discursos repetitivos, grandiloquentes e vazios” (Maffesoli 2003: 18).

Ainda, é possível destacar o fértil debate sobre a questão cultural nas trilhas deste contexto, sendo que o sujeito pós-moderno, conforme abordado, vive situações isoladas, possibilitando com que haja a fragmentação da cultura e, sobretudo já não há mais o que identifique um grupo social ou povo dada a multiplicidade de situações, comportamentos, vivências heterogêneas. Estamos submersos num mundo que privilegia o individual, sendo que há, nesta perspectiva, “o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade” (Hall 2003: 211). A língua ocupa um lugar imprescindível, como ocorre com José Costa. Ela o faz apaixonar-se, revoltar-se, ficar carente, cego, seduzido. De certo modo, é a língua que o move.

Portanto, envolvendo o contexto da obra e o pós-modernismo, nos encontramos dentro de uma densa viagem, onde nos é proposto encontrar caminhos, levantar hipóteses, perder-se, enlouquecer em meio a um turbilhão de acontecimentos, que ao mesmo tempo nos deixam sós, como se estivéssemos vagando rumo a um destino sem fim. Assim, tendência e obra entram em confluência, e estas estão incorporadas à vida, onde nos deparamos com o “esmaecimento do afeto” como aborda Jameson (1997).

O sujeito pós-moderno ocupa uma posição no mundo por meio do seu discurso e por ele se constitui, sendo a linguagem o lugar que ainda concretiza a essência deste sujeito. Dentro desta perspectiva, a edificação do sujeito é dada por sua formação histórico-social-ideológica, como apresentada pelo viajante José Costa: “atravessando o deserto do Saara” em meio a uma multidão.

BUDAPESTE: A JOURNEY IN THE POST-MODERN DISCOURSE

Abstract: This article intends to approach the discursive practices inside the post-modernism with the objective of presenting some reflections from Chico Buarque’s point of view in his book *Budapeste*, focusing the multiple facets of the main character and his many ventures as a traveler. In this sense this study is justified by the purpose to underline the necessity of studies about the language that involves the subject in the post-modern world. In this perspective it is pointed up that the socio-historical-ideological constructs give form to the discursive subject, taking into consideration that in the post-modern world the individual is detached and fragmented.

Keywords: discourse; travel; post modernism; literature.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. Hucitec: 2006.
- BENTES, Anna Cristina. MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CANDIOTTO, Cesar. Foucault e a crítica do sujeito e da história. Edição nº 3. *Revista Aulas*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8 ed. Ática, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardi Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução: Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo*. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2. ed. Ática: São Paulo 1997.
- MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). Edição nº 20. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís Cesar Amed. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Scipione, 1999.
- MUSSALIM, Fernanda. *Histórias das Ideias Linguísticas*. Curitiba: IBESDE Brasil S.A., 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Charles Bally; Albert Sechehaye (org.). Tradução: Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blickstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade Transparente*. Tradução: Carlos Aborin de Brito. Lisboa: Edições 70, 1989.

VOUILLAMOZ, Núria. *Literatura e hipermedia*. Barcelona: Paidós PC, 2000.

ARTIGO RECEBIDO EM 30/08/2012 E APROVADO EM 17/10/2012.